



MAFRO

MUSEU AFRO-BRASILEIRO

CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS / **UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**



SETOR RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA

Projeto de Atuação Pedagógica e Capacitação de Jovens Monitores

MATERIAL DO ESTUDANTE

Caros estudantes:

Este é um material de apoio à sua visita ao **Setor Religiosidade Afro-Brasileira** do MAFRO, que vai ajudá-los a saber mais sobre a arte sacra afro-brasileira. Durante a visita, o monitor fará perguntas e lhes dará informações que os ajudarão a compreender e apreciar os objetos do museu. Depois, em casa ou na sala de aula, este material pode ser utilizado para que vocês se lembrem da visita, propondo também questões para orientá-los a olhar melhor para os objetos, para aprender com eles sobre a forma de ver o mundo dos adeptos do candomblé. Pretendemos assim que os adeptos

de outras religiões aprendam a respeitar o candomblé, compreendendo-o como instrumento de preservação da história, dos saberes e da memória afro-baiana. Aproveitem bem a visita, tirem suas dúvidas com os monitores e guardem este material com carinho!



Pra início de conversa...

Muitas dúvidas surgem quando o assunto é candomblé: muitos de vocês se perguntam por que precisam saber disso se são de outra religião. Alguns até mesmo têm medo, achando que o candomblé pode ser alguma coisa ruim. Vamos então começar a visita entendendo o que é, afinal, o candomblé, porque é importante conhecer sobre esta religião e porque o Museu Afro tem um setor inteiro dedicado a este tema.

O que é e de onde veio o candomblé?

O candomblé é uma religião afro-brasileira, ou seja, surgida no Brasil a partir de elementos de diversas religiões africanas, trazidas para cá pelos africanos escravizados. A formação desta religião foi longa: começou com o desembarque dos primeiros africanos, em meados do século XVI, passando por diversas mudanças até chegar, no final do século XIX, a uma forma de ritual semelhante à que existe atualmente. Esta religião, como outras, continua em transformação, adaptando-se à vida contemporânea, mas sem perder seus vínculos com as tradições africanas de que é herdeira. Estas tradições vieram de lugares e de povos diferentes da África: dos povos **bakongo**, **mbundo** e **ovimbundo**, de Angola e do Congo; do povo **fon** (ou **jeje**), do Benin; do povo **yoruba** (ou

nagô), da Nigéria e do Benin, entre outros. No Brasil, estas tradições se misturaram entre si e com tradições indígenas e até com o catolicismo. Em cada terreiro, porém, há o predomínio de uma destas tradições, que faz com que ele se identifique com uma das **nações de candomblé**.

O que muda de uma nação de candomblé para outra?

Mudam as divindades cultuadas, a língua usada nas cantigas e saudações, as cores usadas nas contas, o nome dos cargos das autoridades religiosas, as comidas oferecidas ... ou seja, há muita diversidade dentro do próprio candomblé, e é bom não confundir: os terreiros de tradição congô e angola cultuam **inquices**, os de tradição jeje cultuam **voduns** e os de tradição nagô ou ketu cultuam **orixás**.

O que todos os candomblés têm em comum?

Todos eles acreditam que existe um Deus todo-poderoso, que é a fonte de toda a vida e de toda a força, e que exis-

tem intermediários entre Deus e os homens. Deus é muito grande e é difícil chegar diretamente até ele, então precisamos dos intermediários, que são os **orixás**, **voduns** e **inquices**. Eles representam ao mesmo tempo **forças da natureza** e **ancestrais** muito antigos, muito sábios e poderosos de todo um povo, que por isso são cultuados como divindades. Em todos os candomblés também é importante o culto aos ancestrais mais recentes, pessoas de nossa família ou do terreiro, que ao morrer passam a cuidar e proteger os vivos, assim como os orixás, voduns e inquices. Todas estas entidades também precisam ser cuidadas e homenageadas, através de **oferendas de comidas e bebidas** e da realização de **cerimônias** nas quais a **música dos atabaques e as cantigas** fazem com que eles se manifestem, dançando e transmitindo sua força – seu **axé** – e proteção aos homens.

Que tipos de objetos existem no museu relacionados aos orixás?

As pessoas iniciadas (especialmente preparadas) incorporam seu orixá durante as cerimônias religiosas, quando se vestem de maneira especial, com as cores do orixá, usam **colares de contas** e carregam objetos que o simbolizam, que chamamos de **ferramentas de orixá**. Cada orixá tem suas ferramentas específicas, que se relacionam com os mitos que contam histórias e falam sobre as características de cada uma destas divindades. É possível identificar um orixá através destes objetos, que são feitos de acordo com padrões tradicionais por artistas que aprenderam seu ofício no próprio terreiro. Estes são os objetos que temos na exposição do Mafro. Temos também representações dos orixás nos bonecos feitos por uma sacerdotisa de um conceituado terreiro, **D. Detinha de Xangô** do Ilê Axé Opô Afonjá, que podem ser comparadas à representação dos orixás nas pranchas de madeira entalhada feitas por um importante artista contemporâneo, **Carybé**.

Por que saber sobre o candomblé é importante?

Porque ele é uma **herança cultural** e **patrimônio histórico** da população negra da Bahia e do Brasil. Independentemente da sua religião, você precisa saber sobre o candomblé para entender a história do Brasil, pois ele possibilitou a preservação e reelaboração dos **conhecimentos culinários, medicinais, lingüísticos e artísticos africanos**. Os colonizadores europeus tentaram destruir as culturas africanas e muito desta herança resistiu por ter sido preservada, de forma viva e dinâmica, nos terreiros. O candomblé também possibilitou a **reestruturação das famílias africanas**, que haviam sido destruídas pelo tráfico, no Brasil, preservando seus valores de respeito à ancestralidade, aos mais velhos e às crianças. Se não era mais possível refazer a família de sangue, os africanos e seus descendentes formaram, através do candomblé, a **família-de-santo**. Esta família foi uma das bases da **solidariedade** e da **resistência da população negra** à escravização e à falta de condições de sobrevivência após a abolição.

Outra importante contribuição do candomblé é a relação de **respeito e preservação com a natureza**, fundamental à realização dos rituais. Lembre-se que o orixá representa uma força da natureza. A água doce, o oceano, as matas, os manguezais, o ar, os ventos, os raios, o fogo, a terra são respeitados e preservados, pois são vistos como divindades que possibilitam a vida do homem na Terra, sem as quais o ser humano não existiria. Nestes tempos de destruição acelerada da natureza, o candomblé traz esta importante mensagem para todos nós.

Há, por fim, uma última, mas não menos importante razão para você conhecer o candomblé: precisamos **aprender a conviver e respeitar pessoas diferentes de nós**, que têm outras crenças e outras formas de ver o mundo. Diferente não quer dizer inferior. Esta é, talvez, a maior lição que podemos tirar da visita ao Museu Afro-Brasileiro.

1. Compare as duas representações de Exu. O que elas têm em comum? O que é diferente? Preste atenção no *material* em que são feitas, nas *ferramentas* que ele carrega, no que *tem na cabeça*.

2. Que outra parte do corpo de Exu é ressaltada? Você consegue imaginar por quê?

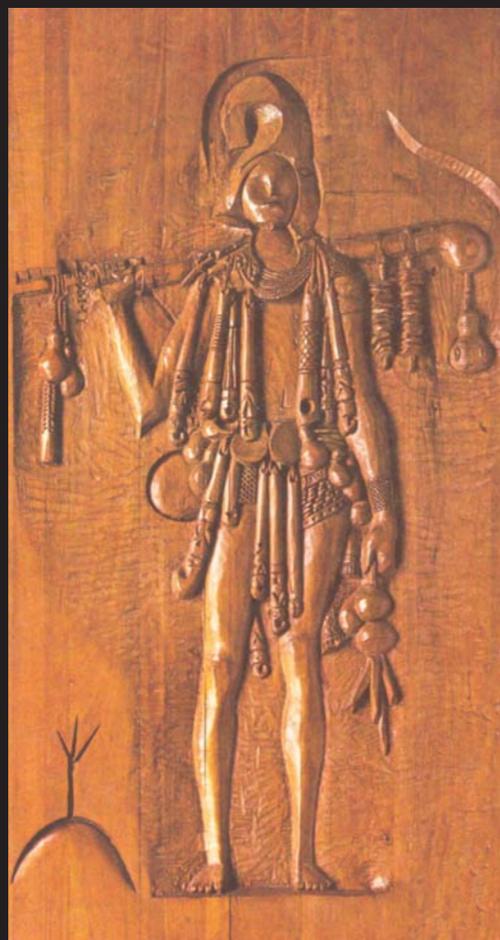
3. Quem é Exu para você? O que você conhece sobre ele?

Exu é o primeiro dos orixás a ser saudado em qualquer cerimônia no candomblé. Segundo a sabedoria do povo yoruba, ele é o mensageiro que liga o Orun (céu) ao Aiyê (terra), levando as oferendas dos homens aos orixás e trazendo as mensagens dos orixás aos homens. Exu é o guardião do axé (força vital) de Deus. Ele faz com que as coisas se cumpram da maneira correta, corrige os desvios e pune as falhas dos homens, quando deixam de saudar e zelar por seus ancestrais e orixás. Exu é justo: ele dá a cada um a parte que lhe é devida, e também faz questão de sempre receber o que lhe é devido.

A ferramenta de Exu, um bastão de madeira com ponta arredondada, chamado *ogó*, é um símbolo fálico, ou seja, que lembra o pênis. Isso porque Exu é também o responsável pela dinâmica do universo, pelo movimento que gera a vida, ligado à fecundação e à fertilidade. O sexo, como já vimos no setor *África* da exposição, é visto pelos yoruba e pelos africanos em geral como fonte da

vida, da prosperidade e do bem-estar da família e do povo. As esculturas muitas vezes são feitas para estimular a fertilidade, por isso dão destaque ao sexo dos homens e mulheres representados.

Na prancha de Carybé, além do ogó, Exu leva pendurados uma série de outros bastões, cabaças e cadeias de búzios, que são também seus símbolos. Exu tem uma cabeça pontuda e um penteado (às vezes um gorro) também em forma fálica. Ele não carrega nada na cabeça, em respeito a um tabu (uma proibição) que o tornou o primeiro dos orixás a ser saudado, segundo os mitos. Esta representação de Carybé segue a maneira africana (yoruba) de representar Exu.



No Brasil, porém, muitas pessoas têm uma imagem muito diferente de Exu. No período da escravidão, a Igreja Católica procurou identificar os orixás com santos católicos, para facilitar a imposição do cristianismo aos africanos escravizados. Procuraram-se semelhanças entre santos e orixás. Os africanos, por sua vez, também precisavam de uma “imagem” católica para continuar cultuando suas divindades. Assim, como lansã é a dona dos raios e da

Exu
Salvador-Bahia
Madeira (Cedro)
Escultor: Carybé

tempestade, ela foi identificada com Santa Bárbara, uma mártir que foi decepada pelo próprio pai, que como castigo morreu pela ação de um raio. Omolu, orixá da varíola e da doença, foi identificado a São Lázaro, pois este tem o poder de cura das doenças, especialmente as de pele. Até para Jesus Cristo, o Senhor do Bonfim, foi encontrado um correspondente, Oxalá, o grande orixá da criação, orixá da cor *funfun* (branca). A Igreja achou necessário achar também um correspondente para o diabo. E foi assim que Exu acabou sendo identificado com o demônio. Só que isso não tem nada a ver com a própria religião dos orixás, nem com a visão de mundo dos africanos.

Para os yoruba, não existe uma entidade que corresponda ao diabo, porque eles não acreditam que exista o mal absoluto. Ou seja, eles não acham que uma entidade possa ser totalmente má, assim como não pode ser totalmente boa. Os orixás, como os homens, têm virtudes e defeitos, fazem coisas boas e ruins. Deus, chamado de Olodumare ou Olorum, é a fonte de toda a energia, de toda a criação. Ele está muito acima das virtudes e defeitos de homens e orixás. Assim, podemos dizer que os yoruba acreditam que há um Deus único e poderoso, mas não acham que existe um ser maligno que possa desafá-lo, portanto não acreditam que exista o demônio.

Mas a Igreja insistia em ver na religião yoruba só o que queria, e foi assim que inventou que Exu era o diabo. Logo Exu, o zelador da justiça e mensageiro divino! Como isso aconteceu? Bem, Exu está mais próximo dos homens que os outros orixás. Muitas vezes ele nos pune por termos esquecido de nossas obrigações.

Estas punições foram entendidas como “maldades” de Exu contra os homens, quando na verdade elas nos fazem ver os erros que nós próprios estamos cometendo, para lembrarmos de voltar ao caminho correto e de homenagear nossos ancestrais e mais velhos. Além disso, a Igreja Católica sempre considerou o sexo como um pecado. E Exu, como vimos, é responsável pelo sexo e pela fertilidade.

Foi desta forma que Exu passou normalmente a ser representado no Brasil como nesta escultura em ferro: o seu penteado fálico transformou-se em chifre, seu *ogó* transformou-se em um tridente e até mesmo um rabo ele ganhou! Assim, acabou ficando parecido com o diabo no imaginário cristão...



Hoje, o candomblé e Exu continuam a ser atacados por algumas igrejas cristãs. Mas é importante saber que o desrespeito a outras religiões, além de nos tornar pessoas fechadas e insensíveis e nos privar da oportunidade de aprender sobre o que é diferente de nós, é também um crime, já que o Artigo 5º da Constituição Brasileira assegura que “*é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias*”.

Escultura de Exu
Salvador-Bahia
Ferro
Escultor: Aginaldo Silva da Costa

Você percebeu durante a visita que cada orixá tem ferramentas e contas que o identificam. Relacione cada orixá a sua ferramenta e ao seu colar de contas. Coloque abaixo do nome do orixá o número do texto que descreve suas características e atributos:

1 Ela é a grande mãe dos orixás. Na África é identificada com um rio e representada como uma mulher de seios grandes, que amamentam a todos. No Brasil, tornou-se um dos orixás mais cultuados e foi identificada com as águas do mar e representada como uma sereia.

2 Orixá criador da forja do ferro, que ensina seus segredos aos homens. Ele é o desbravador que abre os caminhos e o patrono da tecnologia da agricultura, da caça e da guerra, feita também com as armas de ferro. Por tudo isso, este orixá é considerado um herói civilizador, que tornou a vida do homem mais fácil através do domínio da tecnologia.

3 Orixá das águas doces, bela, sensual e vaidosa. Ela é a *iyá* (mãe) responsável pela vida e pela fertilidade dos campos, dos animais e do ser humano. É também a dona do jogo de búzios e a chefe das mulheres do mercado, muito esperta e boa negociadora.

4 Dona dos ventos e das tempestades, ela é guerreira, veloz e impetuosa. É a esposa de Xangô que o acompanha na guerra e que cospe fogo como ele. O mito conta que ela pode transformar-se em um búfalo, por isso seus filhos carregam seus chifres nas cerimônias. Ela é também a criadora do culto dos eguns, os espíritos dos ancestrais.

5 Orixá da caça e da mata, protetor da floresta e dos animais e provedor de alimento para sua comunidade. É o caçador que com uma só flecha consegue abater sua caça. É irmão mais novo de Ogum e filho de Iemanjá.

6 Orixá do fogo, do raio e da justiça, simbolizada em sua ferramenta que corta para os dois lados. Como personagem histórico, este orixá foi o quarto rei da cidade de Oyó, um dos mais importantes reinos yoruba. Por isso ele é representado como um rei, cercado por sua corte e por suas esposas Iansã, Oxum e Obá.

7 Orixá da varíola, anda coberto de palha para esconder suas feridas e com sua ferramenta pode trazer ou levar as doenças. É o rei do mundo, do Aiyê, ligado ao elemento terra, muito temido e respeitado. É filho de Nanã, o mais antigo orixá feminino, dona da lama usada para criar o homem.



Ogum

Oxóssi

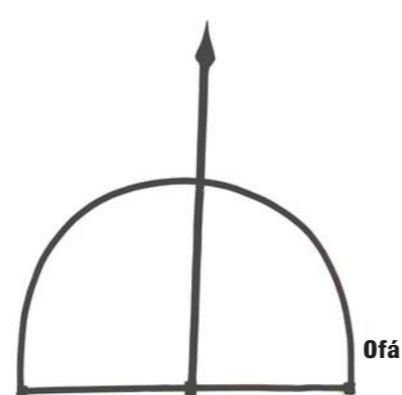
Xangô

Iansã

Oxum

Obaluaiê/Omolu

Iemanjá



Oxóssi



Obaluaiê/Omolu



Oxum



Xangô



Iansã



Obaluaiê/Omolu



Iemanjá

1. Olhe para este par de estatuetas. Quais as semelhanças e diferenças entre ambas?

2. Você já viu algo semelhante a estas estátuas? Tente lembrar-se de uma festa católica para homenagear santos gêmeos. Você já participou dela?

3. Tente imaginar por que os yoruba faziam estatuetas de gêmeos. Quem será que possuía essas estatuetas? Quando as adquiriam? O que será que faziam com elas?

Se repararmos no tamanho das estátuas, nos detalhes de seu rosto e corpo, na sua postura, vamos perceber que elas são quase iguais. A diferença é que uma é masculina e a outra feminina. É fácil notar que o escultor tinha a intenção de que essas figuras parecessem gêmeas.

O nascimento de gêmeos é interpretado em muitas sociedades africanas como a presença no mundo físico do “duplo espiritual”, que normalmente estaria no outro mundo, o mundo dos ancestrais. Este evento significa, assim, um fenômeno excepcional. Certas sociedades, como a Yoruba, acolhem os gêmeos como seres especiais, que devem ser mimados e cercados de privilégios, justamente por sua força vital ser “dupla”, por serem vistos como um só ser em dois corpos. Outros povos, como os Igbo da Nigéria, consideram o nascimento de gêmeos uma ocorrência perigosa, já que a presença do duplo espiritual no mundo físico ameaça a ordem e a estabilidade da sociedade. De toda forma, na África o nascimento de gêmeos sempre é visto como um acontecimento extraordinário, seja ele considerado benéfico ou ameaçador.

As mães de gêmeos yoruba encomendam após o parto as estatuetas Ibeji, que recebem cuidados semelhantes aos dados às crianças. No caso da morte de um dos gêmeos, a estátua fica “no lugar” do irmão morto, sendo vestida e “alimentada” com oferendas. Isso é importante, pois uma vez que o “duplo” voltou ao mundo espiritual, o gêmeo que fi-



Ibejis
Etnia Yoruba
Cotonou, Rep. Pop. do Benin
Madeira e contas

cou tende a acompanhá-lo, ou seja, a morrer também. O cuidado com a estátua ajuda, assim, a manter o gêmeo sobrevivente na Terra.

Mesmo que você não conheça os ibeji, é quase certo que já tenha ido a um caruru de S. Cosme e S. Damião. Essa prática mostra que o **sincretismo afro-católico**, nome dado ao processo de identificação dos santos aos orixás, causou modificações não só nas religiões africanas, como vimos com Exu, mas também no catolicismo: muita gente que é católica e dá ou frequenta um caruru de S. Cosme não sabe que esta prática deriva de uma tradição religiosa africana.

1. Que tipo de objeto é este? Descreva sua forma e o material de que é feito.

2. Este objeto tem partes diferentes. Quais são? Preste atenção aos detalhes e tente descrever cada um de seus elementos.

3. Como você imagina que ele é usado?

4. A pessoa que o usaria é jovem ou velha? Por quê?

5. Você acha que quem usa este objeto tem uma posição de destaque na sociedade? Por quê?

O próprio nome deste objeto em yoruba explica o que ele é. *Opá* significa estaca ou cajado e *òs òdròò* significa pingos ou gotas. Opaxorô é, assim, um “cajado de gotas”, que são estes pendants de cada um dos discos. Vemos que o opaxorô é formado por uma haste, quatro discos com pendants, e, em cima, uma coroa com um pássaro.

Este cajado é usado por Oxalá para se apoiar quando dança bem devagarzinho, durante as cerimônias dedicadas a ele. Isso porque é um Oxalá bem velho, chamado Oxalufã, que é o dono deste cajado. Há também um outro aspecto deste orixá, mais jovem, chamado Oxaçuã.

Oxalá é o rei do pano branco, o mais velho dos orixás, aquele que recebe de Deus (Olorum) o saco da criação para criar o mundo. Oxalá, porém, desrespeitou algumas regras, e como até o maior dos orixás tem que respeitar as proibições e fazer oferendas, foi punido por Exu, que o fez ter muita sede e tomar muito vinho de palma até ficar bêbado. É então Odudua, outro antigo orixá, que pega o saco da criação e conclui a tarefa que deveria ter sido realizada por Oxalá.

Oxalá foi encarregado por Olorum de outra importante tarefa: criar o ser humano. Desta vez ele fez todas as oferendas e não desrespeitou nenhuma regra. Usando a lama de Nanã, a mais velha das iabás (orixá feminino), Oxalá modelou o homem e lhe deu vida com seu sopro.



Opaxorô de Oxalufã
Salvador – Bahia
Latão prateado

O opaxorô também foi usado, segundo outro mito, para separar o céu (*Orun*) da terra (*Aiyê*) no início dos tempos. Batendo no chão com seu cajado, ele separou os dois mundos, assim como seus habitantes, ficando os orixás no Orun e os homens no Aiyê. O cajado representa também o poder ancestral masculino e mostra a relação dos orixás do branco com os ancestrais.

Oxalá é um orixá *funfun*, ou seja, da cor branca, que significa repouso, calma, silêncio. Todas as comidas oferecidas a Oxalá devem ser brancas, ou seja, sem azeite de dendê nem sangue vermelho. Oxalá também não pode comer sal nem tomar bebidas alcoólicas. Os panos usados nas cerimônias e para cobrir suas ferramentas, assim como as roupas de seus iniciados, devem ser brancos. Oxalá é rei, por isso usa uma coroa (*adê*), que aparece também no opaxorô. Por isso é chamado também de Orixá Nla ou Orixalá, o Grande Orixá.

1. Quem usaria esta roupa?

2. Quais são suas cores? Essas cores também representam outro símbolo bem conhecido. Qual?

3. Você já viu na rua alguém “vestido de caboclo”? Em que data?

4. Por que será que um caboclo – um índio – é cultuado em uma religião criada por descendentes de africanos? Qual será a relação existente entre estes dois povos?

A roupa feita de plumas coloridas, composta por um saiote e um cocar, lembra-nos um indígena brasileiro. As cores usadas na sua roupa, verde e amarelo, mostram que o índio, chamado de “caboclo”, tornou-se um símbolo nacional. Ele simboliza a luta brasileira pela independência de Portugal. A Independência do Brasil foi proclamada no dia 7 de setembro de 1822, mas, na Bahia, os portugueses continuaram no governo até o dia 2 de julho de 1823, quando as tropas brasileiras venceram a última batalha contra eles em Pirajá. O índio era, no século XIX, visto como o verdadeiro brasileiro, por ser aquele que estava aqui antes dos portugueses e africanos chegarem — “o dono da terra”. As comemorações da batalha de Pirajá, feitas a partir de 1824, elegeram o caboclo como o herói deste episódio histórico, e em 1826 foi feita uma imagem dele, que desde então desfila todos os anos no “carro do caboclo” no dia 2 de julho.

Mas o “caboclo” é também uma entidade cultuada nas religiões afro-brasileiras, seja na **umbanda**, nos chamados **candomblés de caboclo**, na maioria dos **candomblés congo-angola** e em vários **candomblés jêje e nagô**. É a este caboclo, e não ao “caboclo do 2 de Julho”, que pertence esta roupa. Este culto originou-se provavelmente de uma tradição dos povos bantu (dos atuais Angola e Congo), que, ao conquistarem um novo território, acreditavam que só poderiam exercer o poder legitimamente se tivessem a permissão dos ancestrais do povo que antes ocupava



Indumentária do Caboclo Trovezeiro de Visaura
Salvador-Bahia
Terreiro Auzidá Junssara
Doação: Nêngua de Inquice Maria Bernadete dos Santos

aquela terra. Faziam então cerimônias homenageando e pedindo licença àqueles que lá estavam enterrados – pois a terra não era vista como uma propriedade, mas como a morada dos ancestrais.

Quando foram escravizados e trazidos ao Brasil, os bantu (das etnias Mbundo, Bakongô, Ovimbundo, Lwena, Imbangala, Bawoyo e outras) identificaram os indígenas como os donos da terra e assim passaram a cultuá-los. É desta forma que surge o caboclo como entidade afro-brasileira.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Naomar de Almeida Filho

Reitor

Francisco José Gomes Mesquita

Vice-Reitor

Lina Maria Brandão e Aras

Diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Jocélio Teles dos Santos

Diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais

Maria Emília Valente Neves

Coordenadora do Museu Afro-Brasileiro

PROJETO DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICA E CAPACITAÇÃO DE JOVENS MONITORES

Jocélio Teles dos Santos

Coordenador Geral

Maria Emília Valente Neves

Assistente de Coordenação

Juipurema Alessandro Sarraf Sandes

Coordenador de Pesquisa e Edição

Maria Paula Fernandes Adinolfi

Coordenadora Pedagógica e Texto Científico

Aline Silva Jabar

Pesquisadora

Denyse Emerich

Consultora — Educação em museus

Daniele Santos de Souza

Iraci Oliveira dos Santos

Tatiana Alves de Almeida

Estagiárias

Celina Souza Pinheiro

Daza Ifá Ashanti Moreira

Elane Cristina Nascimento dos Santos

Emily Karle dos Santos Conceição

Jeferson dos Santos Socorro

Kellison Jorge Souza dos Santos

Ramon Bonfim Barros

Tainara Santiago do Nascimento

Taiwo Pimentel dos Santos

Thiago dos Santos Santos

Tiago Mateus Figueiredo Santos

Viviane Carvalho de Araújo

Monitores

Ricardo Prado Góes

Fotografia

Walter Mariano

Projeto Gráfico

Gráfica Gensa (Impressor: Altemir Santos)

Impressão

Professores Colaboradores

Departamento de Museologia - UFBA

Joseania Miranda Freitas

Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha

PATROCÍNIO

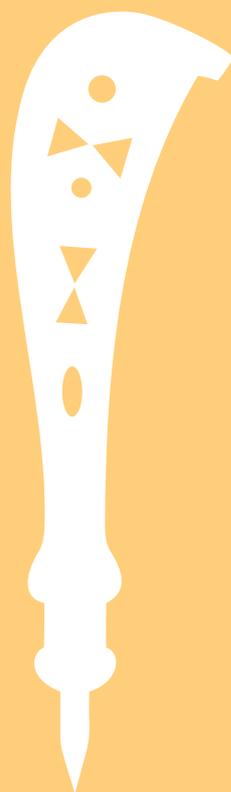
Deputado Federal Luiz Alberto – PT-BA

Congresso Nacional

Emenda Parlamentar n.º 34590001

2006





MAFRO

MUSEU AFRO-BRASILEIRO

Terreiro de Jesus, Antiga Faculdade de Medicina,
Centro Histórico, Salvador - Bahia - Brasil - CEP: 40025-010
Telefax. (071) 3321 - 2013
www.ceao.ufba.br/mafro